

## APRESENTAÇÃO

A edição n. 26 da revista *Pós* traz 11 artigos cujas distintas procedências de autores e a diversidade dos temas abordados demonstram a ampliação do alcance da revista, que tem se afirmado como um confiável veículo de divulgação das pesquisas das diversas áreas atinentes ao campo disciplinar da arquitetura.

O depoimento da professora Vera Pallamin a respeito de seu projeto realizado com o arquiteto Márcio Rodrigues Luiz – a *Praça Rosa-dos-Ventos no Parque do Ibirapuera (SP)*, explicando a origem do processo criativo, revela a interessante simbiose que conseguiram atingir ao mesclar os conhecidos elementos os quais caracterizam os pontos cardeais com os padrões visuais da cultura tupi-guarani, cujo resultado é uma surpreendente composição plástica. Um projeto que soube tirar proveito de uma iniciativa de caráter didático para criar um convidativo espaço público.

O artigo de Emmanuel Antonio dos Santos, *Planejamento regional e paisagem: instância integradora, movimento, simultaneidade, interação escalar, projeto* discute a atualização dos termos planejamento, planejamento regional, planejamento e projeto da paisagem, espaço livre e interação escalar no âmbito da cultura contemporânea. A recuperação da trajetória dos principais conceitos pertinentes a esse campo disciplinar e a discussão à luz das necessidades atuais e sua adequação à realidade brasileira é uma contribuição muito oportuna, diante da proporção que o tema vem assumindo e ao crescente interesse que vem despertando, malgrado o despreparo generalizado para se enfrentar o assunto.

Os dois artigos seguintes: *Parcelamento, edificação e utilização compulsórios: um instrumento (ainda), em construção*, de Fernando Guilherme Bruno Filho e Rosana Denaldi, e de Denise Falcão Pessoa, *Estudo da produção de HIS (Habitação de Interesse Social) e HMP (Habitação de Mercado Popular) nas ZEIS (Zonas Especiais de Interesse Social) da subprefeitura da Lapa, município de São Paulo a partir do PDE (Plano Diretor Estratégico) de 2002*, analisam as experiências práticas dos instrumentos de planejamento instituídos nessa última década, com o intuito de reverter o *déficit* habitacional. O primeiro apresenta a aplicação do dispositivo PEUC na região metropolitana de Santo André. Previsto no *Estatuto da Cidade* de 2001 como um dos principais instrumentos para se fazer cumprir a função social da propriedade imóvel urbana, sua implantação prática, segundo os autores, com base na incipiente experiência de Santo André, apontou a necessidade de alguns ajustes e cuidados, dependendo de cada região e situação, para que se cumpra, de fato, seu objetivo original. O segundo analisa a eficácia das ZEIS, após seis anos de sua criação, para atender à população de baixa renda, tendo como recorte a subprefeitura da Lapa, que, por se tratar de um tradicional bairro operário dotado de boa infraestrutura urbana, escolas e equipamentos públicos, além de boa oferta de emprego, constitui, por um lado, o sítio ideal para a implantação de HIS e HMP e, por outro lado, sofre forte pressão do mercado imobiliário para incorporações nas camadas mais

abastadas. Comparando a produção habitacional antes e depois da criação das ZEIS, a autora verifica que esse dispositivo não tem sido suficiente para conter a especulação imobiliária e viabilizar a promoção de HIS.

Os dois artigos seguintes refletem sobre as recentes experiências espanholas. *El Guggenheim y mucho más – urbanismo monumental e arquitetura de grife em Bilbao*, Mariana Fialho Bonates analisa, com base em uma pesquisa de campo, a estratégia da exploração cultural com a arquitetura como principal ícone para a recuperação de áreas urbanas degradadas. Além da bem-sucedida experiência de Frank Ghery, analisada como uma visita *in loco*, a autora comenta os projetos de arquitetos igualmente renomados que reforçaram a estratégia do urbanismo a partir da exploração da arquitetura de grife: Calatrava, Foster, Hadid, Isozaki, Legorreta, Moneo, Siza, entre outros. *Sevilha e o duplo Guadalquivir: breve análise do recente fenômeno de integração cidade-rio*, de Peter Ribon Monteiro, recupera historicamente o papel dessa importante relação para a conformação urbana de Sevilha, ressaltando a compreensão do rio como uma estrutura viva a qual, ao atravessar a cidade, transforma-a e é por ela transformado, estabelecendo, entre rio e cidade, uma indissociável parceria.

Em *Configuración territorial y sistemas productivos jesuítas em la nueva España* Tarcisio Pastrana Salcedo discute a participação das ordens religiosas, especialmente a jesuítica, na colonização da América espanhola, recuperando suas técnicas de ocupação, organização e administração territorial que implantaram um sistema exemplar de desenvolvimento regional, como o das fazendas dos colégios de Tepotzotlán, a 45 km da cidade do México, que dominava toda uma cadeia produtiva da produção à comercialização da cadeia produtiva.

O artigo *A utopia do edifício alto “verde” e a criação de uma nova geração de ícones do desempenho ambiental*, de Erica Mitie Umakoshi e Joana Carla Soares Gonçalves, questiona a validade de algumas propostas, ditas sustentáveis, para os arranha-céus – objeto símbolo do desenvolvimento arquitetônico do século 20, que têm sido explorados, segundo as autoras, de maneira extremada e questionável por alguns arquitetos. A partir de sua trajetória histórica e de sua relação urbana, contextualiza-se seu desempenho perante questões atuais, especialmente quanto ao consumo de energia, o grande óbice à sua viabilização, analisando-se alguns projetos ícones dessa preocupação ecológica e sua real contribuição à melhoria do meio ambiente.

*Quase tudo que você queria saber sobre tectônica, mas tinha vergonha de perguntar*, de Izabel Amaral, resgata o significado da expressão tectônica a partir do século 19, na interpretação de Gottfried Semper, que a associa à arte da carpintaria e, mais recentemente, na de Kenneth Frampton, que a remete à dimensão material, construtiva e tátil da arquitetura. Em relação a Semper, segundo Amaral, é importante sua argumentação sobre a expressividade formal da madeira e suas relações com o caráter artístico da arquitetura; e a Frampton a autora delega a renovação do debate arquitetônico, comentando alguns desses desdobramentos atuais.

Em *Pesquisa acadêmica em áreas de prática projetual*, Daniela Büchler e Michael Biggs investigam a especificidade do campo projetual enquanto pesquisa

acadêmica e suas decorrências em relação aos outros campos de conhecimento, cujos resultados são apresentados na forma de discurso verbal e/ou textual. A partir da contextualização da problemática no Reino Unido e no Brasil, em que, mesmo tendo surgido por caminhos distintos, a relação entre pesquisa acadêmica e prática profissional, enquanto projeto, é igualmente conflituosa. A busca de uma alternativa levou à criação, na Inglaterra, da categoria *Practice-based Research*, traduzida por “pesquisa embasada na prática”, ainda controversa e, por isso, vem sendo amplamente discutida no meio arquitetônico europeu. Porém ainda não foi demarcada no Brasil. Sem dúvida, um tema de grande relevância acadêmica a qual, como sugerem os autores, merece uma exploração sistemática.

*O percurso de um engenheiro politécnico paulista. Antonio Francisco de Paula Souza e a configuração das redes de infra-estrutura em São Paulo, nas últimas décadas do século XIX*, de Cristina de Campos, recupera as atividades desse engenheiro, além de sua reconhecida atuação acadêmica. Pouco divulgado, contudo não menos importante que sua iniciativa de criação da Escola Politécnica de São Paulo, seu trabalho nos setores ferroviário e de saneamento, ao longo de 30 anos, foi decisivo no desenvolvimento do complexo cafeeiro e, conseqüentemente, na urbanização do estado de São Paulo.

Encerra a seção de Artigos: *Luz e tempo na melancolia I*, de Cláudio Soares Braga Furtado. Nesse texto são analisadas três obras de arte: a escultura romana de Laocoonte; a gravura renascentista de Dürer e o conto de Guimarães Rosa, que, embora de diferentes naturezas e concebidas em distintos momentos, suscitarão, ao autor, a investigação sobre o papel da luz como unificadora das entidades tempo/ espaço.

Os eventos e as atividades dos laboratórios da FAUUSP comentados revelam o dinamismo do campo disciplinar e a amplitude dos temas abordados. As conferências: *Redes como ferramenta de preservação de casas históricas e Operação Urbana Água Branca: desde 1995 tratam, em diferentes aspectos, dos desafios das pré-existências*. O Centro de Sistematização, Armazenamento e Fornecimento de Dados – Cesad, hoje seção de Produção de Bases Digitais para a Arquitetura e Urbanismo, e o VIDEOFAU, são importantes apoios didático-pedagógicos, bem como suporte às pesquisas de arquitetura, urbanismo e design.

Dois resenhas completam esta edição. A primeira, de Maria Fernanda Derntl, comenta a obra *Paradigma do caos ou cidade da conversão? São Paulo na administração do Morgado de Mateus (1765-1775)*, e a segunda, de Carlos Antônio Leite Brandão, criticando a relevante obra sobre o trabalho de Alberti: *L'idée de nature chez Leon Battista Alberti (1404-1472)*.

Esperamos que os textos aqui reunidos possam contribuir para a investigação e reflexão das várias áreas do conhecimento arquitetônico.

Boa leitura.

Mônica Junqueira de Camargo  
Editora-chefe